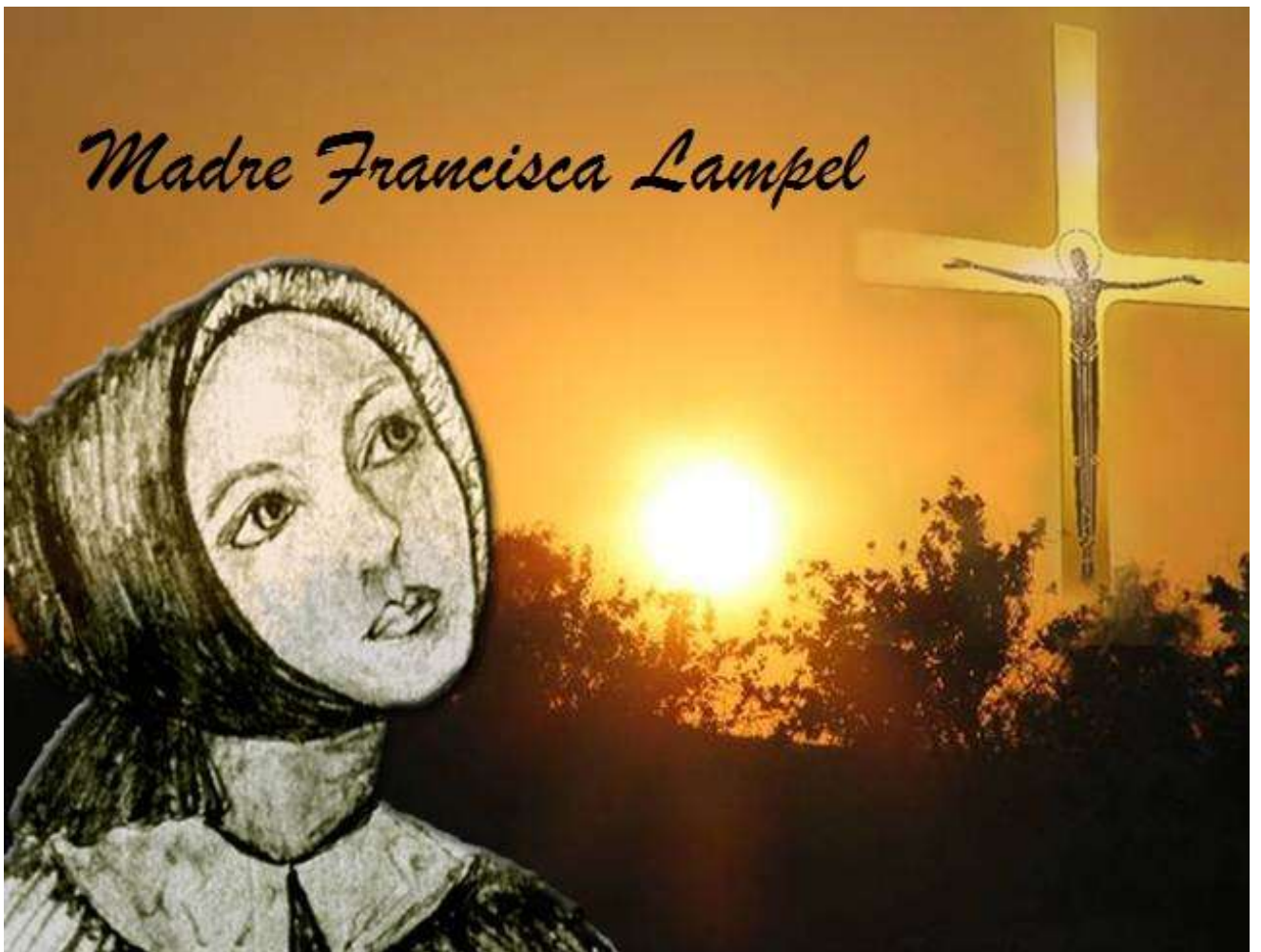


*"Bem sabemos que a bênção vem do alto,
do Pai das Luxes."*

Madre Francisca Lampel



tara somente alguns pontos relativos ao regulamento interno e à obrigatoriedade dos votos. Sem dúvida, sabia que Leão X havia aprovado uma regra da O. III para os que desejam viver em Comunidade. Nesta Regra, já aprovada por Nicolau IV, deixara-se fora tudo o que se referia a "pessoas casadas" e "permitia-se" a profissão dos votos de obediência, castidade e pobreza. Antônia Lampel julgou lícito adotar ou não esta Regra da O. III Regular; ou então, determinar que se podia aceitar. Suas propostas concernentes à pobreza, à obrigação dos votos, à clausura, ao hábito etc., mostram esta liberdade e independência no seu pensar.

Seu Instituto seria fundado independentemente dos já existentes Conventos de Terceiros Regulares. Se ela os menciona, é apenas para dar maior realce a seu pedido. Sem embargo, os Conventos de Terceiros Regulares no Tirol, e mesmo outros, remontam, na sua origem, à Santa Ângela de Foligno, possuindo, portanto, uma tradição monástica secular. Antônia não cogitara em assumir simplesmente esta tradição. Julgou, ao invés, que a tradição devia evoluir da própria fundação. "Somos ainda principiantes e, por conseguinte, sentiremos falta de certas coisas que as religiosas, com uma tradição secular de disciplina organizada possuem..." O motivo de seu agir está na situação singular que se dava em Graz: Elas davam aulas e as meninas vindas de fora, e ao mesmo tempo, abrigavam alunas morando na mesma casa. "Não é apenas a escola que preocupa as Irmãs, bem mais importante e penosa é a sua tarefa educadora. A maior parte do tempo devemos dá-lo às crianças, restando-nos pouca ocasião para ficar na cela ou na Igreja. É mister esforçar-nos a tratar com Deus em nosso interior ...".

Segundo a idéia de Antônia todo o regulamento religioso deve estar subordinado à esta tarefa. "Eu me santifico por eles" - esta palavra de Cristo considerou-a também válida para si. A santificação pessoal e a união do próprio aperfeiçoamento, mas, mais ainda, em vista de seu apostolado. "Devemos tornar-nos bem humildes, bem pequenas diante de Deus, afim de Ele nos poder tomar em Suas Mãos todo-poderosas, ajudando-nos a educar as crianças. Sabemos que a bênção deve vir do alto, do Pai das luzes. Assim que, se o esquecermos, nos acharemos sós e, por nós mesmas somos todas apenas seres imperfeitos".

Também a regulamentação da clausura segue este critério. Querendo continuar seu trabalho educativo como até agora, então as Irmãs não podem estar isoladas do ambiente. O acesso do pessoal,

de fora para o interior do convento, será vedado. Porém, às Irmãs será dada licença para sair, se bem que por razões ponderáveis e não sem companheira, de acordo com os costumes de então.

A preponderância da atividade sobre a vida monástica pessoal aparece mais clara ainda na questão do traje religioso. Ao sair não deveriam dar demais na vista, não destoar demais dos outros. Daí fala-se não de "hábito religioso propriamente", mas de traje próprio a pessoas simples e pobres. Em outra passagem lemos que o vestido seja de fazenda escura e barata. Em tudo reluzirá a simplicidade e a pobreza. Entende-se que tal traje, mais adaptado a pessoas simples do mundo, não possa ser determinado de vez, para todas as épocas, do contrário, chegar-se-ia àquilo que se queria evitar, isto é: dar na vista.

Antônia Lampel sabia perfeitamente que tal modo de vida religiosa não constituiria uma diminuição de rigor relativo à tradição. "Nossa maneira de viver não é fácil de precisar e ainda mais difícil de realizar. Muitas sonham com o silêncio e isolamento religioso, porém, temem o rigor do Carmelo. Julgam que entre nós seria mais fácil. Quando, no entanto, ingressam aqui, notam ter passado da chuva para o aguaceiro. Leva tempo até aprender a arte de estar sempre unida a Deus no meio da criançada barulhenta e durante o trabalho. Nem todas aprendem isso. "A união interior e contínua com Deus é de suma necessidade para uma Irmã de nossa Congregação. Com pesar devo confessar serem poucas as candidatas que entendem isso..."

Isso se deu, não somente depois da fundação; o problema já é anterior. Por isso, Antônia, na sua prudência, propôs para sua Comunidade votos simples apenas, dos quais o próprio Bispo podia dispensar. Na mesma linha de pensamento queriam também resolver a pobreza franciscana. A Irmã mantém o direito de propriedade, porém, enquanto estiver na Congregação, cederá seus direitos de administrar seus bens. Hoje em dia o Direito Canônico prevê esta regulamentação para todos os Institutos de votos simples. Naquela época, contudo, era novidade e a muitos parecia ser uma exceção nunca vista, uma infração à "pobreza total". Não se deram conta que a nova forma representava o melhor modo de proteger e garantir a pobreza da Comunidade. E esta é que conta nos conventos franciscanos.

Antônia Lampel via na formação de uma comunidade religiosa apenas um meio de proporcionar a seus membros ocasião boa e valiosa de trabalhar para a glória de Deus e o bem dos homens. Visava, com outras palavras, o apostolado. Se alguém lhe tivesse perguntado

se, no convento, faria o papel de Marta e Maria, teria, sem dúvida, negado ambas as coisas. Sem saber muito de Santo Tomás, ela teria escolhido melhor, como de fato escolheu: a forma mista. Aí, a pessoa consagrada a Deus, esquecendo-se de si mesma, dedica-se totalmente ao serviço do Reino de Deus.

D. Zängerle entendeu bem isso. Sabia ser-lhe possível introduzir na diocese Institutos Religiosos tais como os havia no Tirol e em Salzburg. Pois a Regra destas Irmãs já tinha aprovação de Roma. Uma nova fundação deste tipo não carecia de ulterior aprovação da Santa Sé. Por isso não requeria a Roma para a instalação das Irmãs de Caridade, na diocese. E tão pouco intencionava pedi-la para as Irmãs de Notre Dame. Sabia, no entanto que o projeto de Antônia Lampel não seria apenas uma simples implantação na Estíria das Irmãs Terciárias do Tirol. Isso, porém, não preocupava muito o Prelado. Seu desejo era ter Irmãs para a escola, Irmãs votadas ao ensino e à educação, especialmente para as camadas inferiores do povo. Portanto, acedeu de bom grado ao desejo das requerentes.

Tinham pedido estatutos e normas para sua novel comunidade. Tomando as propostas de Antônia, como fundamento, supriu o bispo o resto pela Regra da O. III. Resultara daí algo de novo, um estatuto religioso até então desconhecido. Sempre fiel a Roma, queria e devia obter o beneplácito da Santa Sé. O interessante é que esta aprovação veio imediatamente. Não é de costume de Roma aprovar estatutos antes de serem comprovados pela prática da vida. Requer-se bom número de anos para tal aprovação. Obtida esta, o Instituto em questão, recebe de início o "decretum laudis", um louvor oficial e, só depois, segue a aprovação definitiva dos Estatutos. Nada disso ocorreu em nosso caso: o Papa Gregório XVI aprovou os Estatutos que D. Zängerle lhe apresentara, louvando o zêlo do Prelado, e isto muito antes de a fundação ser concretizada. Estes Estatutos, proveinentes, quanto à origem e quanto ao conteúdo, da iniciativa de Antônia Lampel, devem ter merecido certo apreço aos olhos do Papa. Isto é demonstrado pelo fato de Roma ter exigido categoricamente sua reintrodução em 1866. Podemos acrescentar que toda ulterior evolução das Congregações Femininas ia seguir neste rumo. As normas atuais do Direito Canônico para as Congregações Femininas sobre pobreza, clausura, obrigação dos votos em geral, compendiam exatamente aquilo que Antônia Lampel queria para seu Instituto. Naquela época era algo de novo - e foi esse o motivo dos ataques a que, em seguida, se vira exposta.



PAPA

GREGÓRIO XVI

**Confirmou os estatutos da
Congregação em julho de 1843**

Se as Comunidades das Irmãs do Tirol podem basear sua fundação na bem-aventurada Angela de Folingo, tal não se pode afirmar das Irmãs de Graz. A verdade histórica exige ver nelas um novo ramo na árvore da ordem Franciscana, melhor, um novo rebento da Ordem III Secular. E este novo ramo deve sua existência, bem como sua peculiaridade à sua Fundadora: Antônia Lampel. Com isso não se deve relegar ao esquecimento o co-fundador e protetor paterno dos primeiros anos, que foi D. Romano S. Zängerle. Seus méritos em referência ao Instituto são grandes. Mas, assim como não se pode chamá-lo de Fundador das Irmãs de Caridade, ou das Damas do Sagrado Coração, - tão pouco poderá ser chamado de Fundador das Irmãs das Escolas Cristãs. Por estas últimas ele fez tanto quanto pelas primeiras.

D. Zängerle tinha também dirigido um ofício ao Governo Provincial, pedindo a aprovação. Vieram então, por parte deste Governo, as seguintes perguntas:

1. Quantos membros pretende ter o Instituto?
2. Quais os meios de sustento?
3. Quais os Estatutos que adotaram?
4. Qual o regimento diário que seguem?

O Bispo encarregou Antônia Lampel de dar resposta. E desta resposta podemos colher, quais as idéias que a nortearam. O número de membros - diz ela - não pode ser fixado. Mesmo para a Escola já existente o número poderia variar, de acordo com as aptidões, talentos, saúde etc. Além disso poderia surgir a necessidade de assumir outras escolas. O sustento seria garantido pelo dote que os membros trazem, caso tenham possibilidade para tanto, e de resto, haveria ainda as contribuições escolares. Com outras palavras: as Irmãs vivem de seu trabalho. Pois não havia prescrição de trazer dote; as posses seriam apenas colocadas à disposição da Comunidade. Ninguém será rejeitado por não poder trazer dote. Em caso de saída, no entanto, este seria restituído, sem juros, porém. Quantos aos Estatutos, já foram mencionados no requerimento anterior, e ordem do dia, ou do horário, só poderia ser fixada ao entrar em funcionamento o tal Instituto.

Desta resposta depora-se ter Antônia Lampel pensado numa Congregação com número indefinido de membros, todos vivendo de seu trabalho e com a possibilidade de fundar filiais fora da Casa-Mãe.

Obtido o consentimento do Governo Provincial, D. Zängerle requereu também a aprovação da Santa Sé para os Estatutos apre-

FREI ALOISIO GOPP - OFM

Diretor da Ordem III. Secular (Nomeado pelo Bispo como Mestre das Postulantes)

Ele desaconselhou ao Bispo de chamar as Irmãs de Tirol para introduzi-las à VR, pois a Fundação de Graz tinha algo diferente e poderia causar confusão.



sentados. Já em julho de 1842 veio a resposta positiva, juntamente com um voto de louvor pela Fundação. Ao mesmo tempo, o Prelado pediu e obteve a aprovação do Imperador. E isto tanto mais por ter Antônia Lampel, de antemão, renunciado à subvenção estadual para o Instituto, declarando-se, porém, pronta a respeitar as Leis Civis, referentes ao ensino e às escolas.

O cuidado pela vida espiritual da novel Comunidade, o Bispo o entregaria a outros: encarregou ao Pe. Guardiã dos Franciscanos em Graz. Fr. Aloísio Gopp, já então Diretor da O.III Secular, para assumir o cargo de Mestre das Postulantes, introduzindo as seis candidatas nos regulamentos da vida religiosa. Considerou também a possibilidade de mandar vir algumas Irmãs do Tirol, afim de explicarem às novas Irmãs as tradições monásticas em vigor. Contudo, o Pe. Guardiã Gopp desaconselhou ao Sr. Bispo esta idéia. Argumentou ser a nova Fundação de Graz algo de diferente e que haveria o perigo de confusões lamentáveis sobre pontos divergentes da vida religiosa. Mesmo assim, o Bispo, passando por cima deste conselho, pediu duas Irmãs de Kaltern, para o tempo do Noviciado. Atenderam ao pedido do Prelado, e Irmã Boaventura Engel, professora de 26 anos, veio como "Superiora", tendo por companheira Irmã Antônia Untergässler, costureira, de 27 anos e, que ia ser "mestre de Noviças". Ambas chegaram, contudo, só depois da Vestição, i.é, no dia 15 de outubro de 1843.

Antônia Lampel, por sua vez, não ficara inativa. Ajudada por bons benfeitores, adquirira, em julho de 1843, o prédio da Neuthorgasse, 395 (conforme numeração posterior: 404), onde já funcionara, desde 1820, a Escola Particular e que agora devia tornar-se o berço da nova Fundação. Sem dúvida, esta casa não se prestava muito bem para ser Convento com Internato, pois era pequena demais. No momento, contudo, não havia outra solução, e do preço estipulado de 18.000 fl. ficaram ainda 5.000 fl. por pagar. As mudanças necessárias foram feitas com toda pressa. Terminaram só em novembro de 1843, aos 29 de setembro. Assim, logo de início, a nova Comunidade teve que ter trabalhadores em casa.

A Vestição teve lugar na Capela das Irmãs de Caridade. As seis candidatas receberam então a veste religiosa de acordo com os desejos de Antônia: não era propriamente um hábito religioso, mas uma veste civil de acordo com o costume de então, com recorte maior ao pescoço, encoberto agora por manteleta branca engomada; acresceu ainda uma espécie de chapéu daquele tempo. Como todas as senhoras, ao sair, iam usar véu por cima. Durante a semana usariam



1ª Veste Religiosa – Não era um hábito segundo os desejos de Madre Francisca, mas sim o modo de trajar-se de pessoas humildes.

simples avental azul, e, preto aos domingos. Nas saídas traziam sempre um manto. Acrescentavam ainda o "cordão franciscano", que os terceiros seculares usam debaixo das vestes e os regulares, por fora. É um cordão de lã branca com os três nós.

Era o modo de trajar-se de pessoas humildes, ainda um pouco modificado e simplificado. Compreende-se, que este traje, decênios mais tarde, ia parecer antiquado e estranho. Acontecia o que Antônia Lampel queria evitar. E isto se deu por terem esquecido a intenção primordial da Fundadora, desejosa de adaptar a veste ao ambiente, para não dar na vista. O reter uma forma de vestir arcaico modificou - como tantas vezes acontece - o sentido da prescrição. Só mais tarde - em 1890 - uma superiora teve a coragem de adaptar o chapéu ao gosto da época, e o veú ia, agora, acentuar mais o caráter de religiosas.

Antônia Lampel, que ao tempo da Vestição contava 36 anos, ia tomar o nome de "Irmã Francisca". Foi a mais madura em idade e prudência. Também foi a mais disposta a submeter-se à orientação das Autoridades. Enquanto o Pe. Guardião cuidava da direção espiritual, a jovem Irmã Boaventura Engel de Kaltern exercia o cargo de superiora. Talvez sentia-se supérflua na Escola, que ia muito bem sob a direção da noviça Irmã Francisca. O fato é que as duas Irmãs do Tirol retornam à Casa-Mãe de Kaltern, em junho de 1844.

Os cidadãos de Graz, por sua vez, manifestaram sincero rejoi-zijo pela nova Fundação. Mandaram seus filhos em tão grande número que, logo de início, todos perceberam ser a Casa de Neuthorgasse pequena demais. Aí, outra vez, o Sr. Bispo acudiu as Irmãs. Vizinho à Casa das Irmãs havia o prédio, chamado "velho Stainzerhof". Este prédio, junto com o "novo Stainzerhof" (na Bürgergasse) e o Convento dos Cônegos em Stainz tinham sido atingidos pelas Leis Josefinistas e foram vendidos pela Comissão Estatal em 1790. O comprador, por sua vez, vendeu de novo. O Sr. Bispo D. Zängerle adquiriu esta casa do segundo proprietário, em dezembro de 1843. O novo "Stainzerhof" ficou para a Mitra, e o "velho" prédio foi cedido às Irmãs em janeiro de 1844, sob condições de pagamento bem favorável e suportável para a novel Comunidade. Do preço total de 29.000 fl. foram pagos 11.000, logo de entrada. Havia ainda uma hipoteca de 10.000 fl. pesando sobre o dito prédio, que passou agora para o Instituto, que, além disso, devia ainda 8.000 fl. ao Bispo.

Logo, em janeiro, começaram os trabalhos de reformas na casa. Pessoas que tinham alugado algo recebiam como prazo máximo o dia de "São Miguel" para saírem. Uma nova Capela fora planejada e



STAINZERHOF – GRAZ

1ª. Propriedade da Congregação

instalada. O projeto de um terceiro andar, a ser levantado sobre uma parte da construção, fracassou devido à oposição dos vizinhos.

Assim o "Stainzerhof" tornou-se a primeira propriedade da Congregação. O berço da mesma, que é o prédio 395 da Neuthorgasse, fora adquirido por Antônia Lampel com o auxílio de benfeitores, para servir à Fundação. Ela o fez, porém, em seu próprio nome. Nem podia ser diferente, uma vez que então o Instituto das Irmãs das Escolas Cristãs ainda não existia.

Nas Vestição do dia 29 de setembro de 1843 havia as seguintes seis noviças:

Antônia Lampel, que ia chamar-se: Ir. Francisca.

Amália Stieber, que ia chamar-se: Ir. Elisabete.

Paulina Posch, que ia chamar-se Ir. Romana.

Philipina Lampel, que ia chamar-se: Ir. Rosa.

Maria Schwarzl, que ia chamar-se: Ir. Micaela.

Maria Beckert, que ia chamar-se: Ir. Serafina.

Uma delas, Ir. Micaela, foi arrebatada logo pela morte, no dia 11 de maio de 1844. As restantes cinco fizeram votos no dia 4 de outubro de 1844. Prometeram, para três anos, pobreza, castidade e obediência, na vida religiosa do Instituto. Poucas semanas após, no dia 29 de outubro, Ir. Francisca recebe do Sr. Bispo-Príncipe a nomeação de Primeira Superiora do Instituto, com o título de "Madre". Contava então 37 anos. Visto terem as Irmãs de Kaltern partido já, em junho, a pequena Comunidade vivia, neste interim, sem Superiora, sem Irmãs Professas, apenas sob a orientação espiritual do Pe. Guardião dos Franciscanos. Praticamente isso não trazia complicação alguma, pois, desde a morte de sua irmã Amália, Ir. Francisca dirigia a Escola, o Internato e o grupo de suas companheiras - agora, já co-irmãs.

A Comunidade Conventual, segundo os Estatutos, devia escolher a superiora de três em três anos. A primeira nomeação o Bispo mesmo a fez excepcionalmente, indicando a Superiora. Como Superior Eclesiástico cabia-lhe tal direito. Sua escolha também não podia surpreender ninguém, e as Irmãs a aceitaram com satisfação. Irmã Francisca tinha suficiente critério para compreender esta nomeação e possuía a necessária humildade para servir em obediência à Comunidade. Ao dar os primeiros passos para a nova Fundação e ao elaborar as diretrizes dos Estatutos, não lhe veio à mente de colocar-se como Fundadora. Enquanto vivia, repetia dizendo ser D. Zängerle, o Fundador do Instituto. Sua própria contribuição, ela silenciou e queria ver-se ignorada. Sendo nomeada, agora, pelo Bispo, "Madre" da jo-

vem Comunidade, ela aceitou o cargo com grande coração. Não lhe agradava muito ter que mandar, pois isto seria tarefa do pai. À mãe cabe servir, admoestar e, se necessário, ir à frente com o bom exemplo.

As Irmãs possuíam então apenas um exemplar, aliás mal escrito, da Regra da Ordem III. Os próprios Estatutos eram breves, porém continham o necessário. Também eles eram escritos à mão e nem todos tinham exemplar próprio, visto que nem todas as Irmãs dispunham de tempo para copiá-los individualmente. Assim as Irmãs não tinham normas escritas para sua conduta no correr do dia. Nem careciam deles: pois viam o procedimento da Madre e procuravam imitá-la na medida do possível. A Madre não exigia oração vocal mais do que o razoável. Dava, porém, muito realce ao intercâmbio silencioso com Deus, praticável também no meio do trabalho. Cada Irmã, tanto na escola, como fora dela, no convívio com as crianças, tinha que falar bastante. Assim a Madre achou bom “poupar a voz” ou “poupar o pulmão”. Sabia o que suas Filhas precisavam, ao voltarem do trabalho com as crianças: era a calma, o silêncio com Deus e o diálogo subsequente com Ele. Mandou que as Irmãs fizessem a meditação não só de manhã, mas também à tarde, um quarto de hora. É da meditação que tiramos a força de não perder o contato com Deus no meio do trabalho estafante de cada dia. Madre Francisca dava a máxima importância a este ponto. “A tarefa duma Irmã Educadora é difícil” - costumava dizer - “somente um grande amor a Deus permitirá manter-nos recolhidas em paciência e caridade no meio da criançada barulhenta”.

Pelo próprio exemplo, Madre Francisca sabia transmitir às Irmãs o entusiasmo necessário para esta vida de pobreza e renúncia. O que antes já praticavam, agora os Estatutos o sancionavam: As Irmãs não rejeitarão qualquer aluna por motivo de pobreza. Quem conseguir pagar a módica contribuição, pague, quem não puder, será dela dispensada. Mesmo no Pensionato, boa parte das alunas, às vezes em cada três alunas uma era aceita gratuitamente. Além disso havia as 30 crianças da Creche, que durante o dia careciam dos cuidados das Irmãs (conforme o desejo do sr. Bispo, já no primeiro ano, as Irmãs assumiram, ao lado da Escola, a direção dessa Creche). Tudo isso só era possível, se as Irmãs se submetessem a severas restrições quanto à habitação e ao sustento da vida. Ficamos até apreensivos ao lermos, quão pobre era a mesa das Irmãs e como viviam apertadas de espaço para poderem abrigar maior número de crianças. Pois as crianças pobres, sem dúvida, mereciam uma boa

formação, para enfrentarem a vida, e isto mais do que as filhas dos ricos, que dispunham de Escolas Particulares.

As Irmãs, contudo, suportavam tudo com alegria; viram o bom exemplo da Madre, sempre sorridente, sempre contente. A jovial atitude de São Francisco para com a pobreza, havia há muito tempo, fascinado Madre Francisca. Queria ser pobre e caridosa com alegria. Só precisava olhar para S. Francisco para saber, como proceder de caso em caso. Assim, pouca falta sentia de uma Regra escrita. Tão pouco as Irmãs o sentiam. O próprio São Paulo diz: "A Caridade não precisa de lei".

Madre Francisca, à semelhança de São Francisco, julgou poder ficar, por muito tempo, sem Regra escrita, como se a considerasse desnecessária. Sem dúvida, mais tarde, tomando em conta a fraqueza humana, viu-se São Francisco obrigado a elaborar por escrito uma Regra após outra, até acertar com aquilo que parecia aceitável aos seus irmãos "menores". Destarte também não deixara Regra escrita para a Ordem Ill., apenas legara-lhe seu espírito. Só bem mais tarde, os Papas viram-se na obrigação de mandar confeccionar certas normas, para confirmá-las. Assim fizeram Nicolau IV, Leão X e Pio XI... Cada uma dessas Regras visava transmitir aos homens de seu tempo o espírito de S. Francisco. Madre Francisca sabia disso, pois ela prometera observar a Regra aprovada por Leão X e enriquecida por Gregório XVI com normas para a Vida Religiosa Comum. Porém, no que tocava à pobreza e à caridade com que devia servir a Deus nos outros, não precisava consultar a Regra. A sua consciência bem lhe dizia e com acerto. E, as Irmãs, por sua vez, olhavam para a Madre, e acertavam assim sua conduta, achando alegria e paz na sua vocação. Nada turvava a boa harmonia e caridade reinantes entre os membros da novel Comunidade.

Madre Francisca sabia, outrossim, defender as Irmãs, calma e decididamente, diante de ataques injustificados. Caso ocorresse uma falta real pedagógica - pois tratava-se de Irmãs novas e inexperientes - ela procurava resolver o problema com bondade. Em seguida, dava à Irmã faltosa conselhos maternais, demonstrando nisso seu grande talento de educadora. Em toda parte acudia e aconselhava. Quer na cozinha, quer na lavanderia, onde quer que se precisava de ajuda prática, ei-la presente e disposta para cooperar.

O seguinte fato vem elucidar o quanto estimavam seus conselhos, mesmo fora do Convento. Em Viena, certa Condessa A. (Auersperg) havia fundado uma Comunidade de senhoras para cuidar

dos doentes. Não possuindo, ao que parece, muita experiência prática, a Condessa veio solicitar os bons conselhos de Madre Francisca Lampel. E ela sabia dá-los. Mais de uma vez até mandava à sua amiga de Viena a indicação do cardápio para a semana toda, para assim satisfazer melhor o apetite da Comunidade. Certa vez, a Condessa aventou a idéia de unir os dois Institutos e fez proposta à Madre Francisca nesse sentido. Ela, sempre bondosa e prudente, observou: “Embora seja nossa tarefa primordial cuidar das escolas, contudo, estamos prontas para assumir qualquer apostolado que a Igreja nos venha indicar. Que a Condessa se entenda com o Sr. Bispo, ao qual cabe a decisão final nesse assunto...”. Como o Bispo não desse seu consentimento, ela mandou à Condessa uma cópia dos próprios Estatutos, que porventura servissem a consolidar a nova fundação. Parece, contudo, que, em vista das dificuldades, a Condessa perdeu o ânimo, deixando morrer a Fundação projetada.

A boa fama de que gozava Madre Francisca e sua Fundação junto aos contemporâneos, aparece também no fato de ser ela consultada ao se tratar de fundações similares. Assim Frei Teodósio, ao pensar em fundar as “Irmãs da Cruz (Kreuzschwestern), teria primeiro buscado conselho em Graz. Sebastião Schwarz, querendo ter Irmãs em Völcklabruck, tencionava buscá-las em Graz, embora houvesse Irmãs de Escolas Cristãs em Munique e Irmãs Terciárias em Hallein. De Hirschau, na Boêmia, vieram jovens para fazer seu noviciado em Graz, com a finalidade de transplantar o Instituto para sua terra natal. A outras Fundações novas Madre Francisca prestou valioso auxílio, emprestando-lhes seus Estatutos, para orientação segura. Assim ocorreu com uma Fundação de Trübau (Morávia), na diocese de Olmütz. Mesmo de Sigmaringen vieram postulantes com o desejo de implantar a Congregação em sua terra natal. É verdade que os transtornos políticos, principalmente a Revolução de 1848, desfizeram tais planos. Mas o fato de haverem existido tais projetos, mostra como a modalidade da Vida Religiosa de Graz da Obra de Madre Francisca, correspondia aos anseios daquele tempo.

Gostaríamos de perguntar pelo motivo. Ao observador superficial poderia parecer que a nova forma de vida religiosa, usada em Graz, constitui uma mitigação da disciplina regular: votos simples com a possibilidade de sair, manter o direito de posse, tudo isso parecia significar uma infração do ideal mais rigoroso da Ordem, da doação total. E o destaque que se dava ao trabalho externo, no contexto geral, parecia tornar a Congregação mais atrativa para pessoas que procu-

ram as Irmãs, mais pelo trabalho, com o perigo, portanto, de se isolarem.

Antônia Lampel, porém, que, desde 1832, trabalhara com esforço no campo educativo, sabia-o melhor. Sabia quão difícil era a tarefa educacional e como tudo dependia da dedicação sincera do educador à sua tarefa. O amor age com liberdade; não pode ser comandado ou imposto. Não queria que Irmãs, atraídas talvez por entusiasmo juvenil para a Congregação, mais tarde sucumbissem sob o peso de votos perpétuos; a não ser que, em lugar do entusiasmo, tivesse entrado o amor sincero e forte. Não queria coação, e sim, uma opção constantemente renovada.

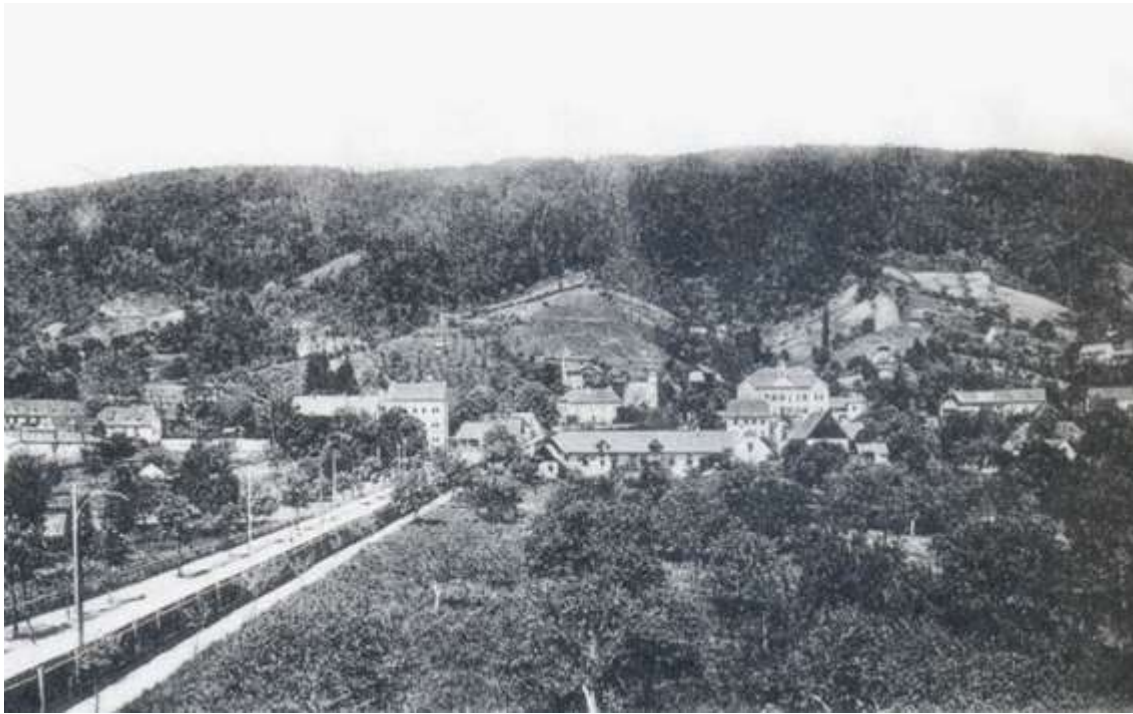
Nuvens escuras no horizonte

Por não possuir na cidade uma horta, e, mesmo para garantir melhor o sustento da Comunidade e de tantas alunas pobres, Ir. Francisca adquiriu em 1846 um terreno extenso, em Algersdorf. Algumas Irmãs para lá se transferiram, tendo à sua disposição uma igreja, dedicada aos Santos Protetores dos Afritos (Nothelfer). Maior foi a dificuldade de se providenciar um padre para elas. Às mais das vezes os Padres Franciscanos tiveram a caridade de ir a Algersdorf, para lá celebrar missa. As Irmãs, ainda no mesmo ano, começaram também aí a recolher meninas da redondeza, com o fim de instruí-las. Os pais destas crianças estavam, contudo, obrigados a pagar a contribuição escolar para a Escola Municipal de Baierdorf, e por isso as Irmãs ministravam o ensino gratuitamente.

O trabalho no campo e na horta era feito pelas Noviças, que todos os dias vinham da cidade, pela manhã, e à tarde, para lá regressavam. Dispunham também de alguns empregados e empregadas. A maior parte do trabalho, contudo, ficava com as Irmãs. Pois elas queriam economizar, diminuir as despesas para o sustento da vida. E isso teria sido impossível, tanto naquele tempo, como hoje em dia, se tivessem que contar somente com trabalhadores pagos.

Nos dias feriados, outras Irmãs procuravam também a chácara e as alunas do Convento podiam passar esses dias ao ar livre em ótima disposição.

As Irmãs encarregadas de cuidar da chácara tiveram que trabalhar duro, como também as Noviças que ajudavam. Tudo, porém, se fazia com entusiasmo e alegria. Não eram porventura Filhas de S. Francisco, assemelhando-se a ele pelo trabalho manual que ele prati-



Compra do terreno em Algersdorf (Eggenberg) em 1846



BERGHAUS - ALGERSDORF
Onde as primeiras Irmãs residiram.



A Igrejinha dos Santos Protetores dos Aflitos em Algersdorf



*Seja feita a Tua
vontade*



Já dissemos que Frei Aloísio Gopp, Guardião dos Franciscanos, desaconselhara ao Bispo a idéia de mandar vir Irmãs do Tirol, com a finalidade de introduzir as Noviças na vida religiosa. O Instituto de Graz tinha normas nem sempre idênticas como as do Tirol. D. Zängerle sabia disso e foi este o motivo de pedir aprovação da Santa Sé. Frei Gopp receara certa confusão, se Irmãs de um Instituto diferente tomassem a chefia. Achava melhor deixar evoluir por si o Instituto de Graz. D. Zängerle, Beneditino e apreciador dos valores da tradição monástica, passando por cima do conselho, pediu duas Irmãs, uma como Superiora e outra como Mestra de Noviças. É surpreendente o fato de mandarem Irmãs jovens daquele Convento já antigo - nenhuma delas contava ainda 30 anos. As consequências iam mostrar que Frei Aloísio Gopp tinha razão.

Essas duas irmãs do Tirol tiveram pouca influência sobre as Noviças, mas deram sua atenção de educadoras às candidatas, mormente à Maria Pfund, que viera com elas e à Maria Neuner, também do Tirol, chegada em março do ano seguinte. Essas duas últimas eram agora as Irmãs mais velhas e mais influentes em Graz. Em maio de 1850, contudo, Ir. Antônia Neuner, juntamente com Ir. Aloísia, a seguinte em idade (da Vestição de 4 de outubro de 1844), foram mandadas a Vöcklaburg. A Irmã que seguia agora na idade era Ir. Rafaela Stino e contava 35 anos. Tinha, porém, menos anos de vida religiosa, pois no Convento se conta a partir da Vestição. E assim a Ir. Inês Pfund tornara-se, depois da Superiora, a pessoa mais influente.

Essa Irmã, Inês Pfund, estava cheia de zelo e sabia prosseguir seu intento, aquilo que julgava certo, com ardor e perseverança. Não se preocupava demais com os meios que para isso empregava. Com seu entusiasmo juvenil e sua eloquência arrebatadora, bem depressa avançou para a chefia do grupo das "zelosas" i.é, das Irmãs que viam o ideal na maneira de as irmãs do Tirol observarem a Regra da O.III. Há indícios de que fora ela unicamente que estabelecera este ideal para realizá-lo e que as outras a acompanharam, atraídas pela sua eloquência.

Enquanto havia a Madre para guiar e encorajar, esclarecer normas e responder às dúvidas, solucionando todos os problemas, também a Irmã Inês parece ter-se enquadrado facilmente na Comunidade. Agora, contudo, as coisas mudaram. A doença da Madre opri-mia o ânimo das outras, já agora sem orientação segura e às vezes achando-se perplexas. O trabalho no campo pesava. É certo, as Noviças e Irmãs jovens provinham, em geral, de famílias de camponeses.

Contudo, ao entrarem na Congregação não esperavam encontrar este tipo de trabalho. nesta situação pouco lisonjeira ouviu-se a palavra: "Não convém a religiosas trabalhar na roça como camponesas, e menos ainda com empregados". "No Tirol não há nada disto. Lá as Irmãs são religiosas de fato, com ofício de côro".

Certas Irmãs sabiam que no Tirol, logo ao fim do Noviciado, faziam Votos perpétuos (não disse Jesus: "Quem põe a mão no arado e olha para trás não é digno de mim"?) e sofriam pelo fato de aqui haver possibilidade de saírem da Congregação, o que realmente acontecia. Assim muitas perplexidades oprimiam as Irmãs, e não sabendo resolvê-las viram nessas objeções algo do "verdadeiro espírito religioso, de zelo verdadeiro". E neste zelo esperavam encontrar alívio e esclarecimento. O único exemplar da Regra da O.III. de Nicolau IV que as Irmãs possuíam era difícil de ler, escrito em ortografia antiquada. Os próprios Estatutos eram breves e continham diferenças notáveis em relação às Irmãs do Tirol. Tais diferenças foram interpretadas como deficiências pela Irmã Inês. A Madre achava-se doente e não podia ser molestada com tantas questões. Deste modo, as Irmãs se dirigiam com suas dúvidas e queixas aos sacerdotes. Seria obra do acaso ter ocorrido uma mudança também neste setor? Pois o antigo confessor, Pe. Domer, mudou para Maria Trost. veio para substituí-lo, do Tirol, Frei Leão Panfili. Este, a princípio, também não viu claro. Conhecia as Irmãs Regulares do Tirol, porém notara que as Irmãs das Escolas Cristãs de Graz eram diferentes. E então - quem estava certo? As "exceções" contidas nos estatutos de Graz estavam justificadas? Não foram elas motivo de queixas e descontentamentos?

A situação piorou e as queixas se multiplicaram de tal forma que o Consistório episcopal julgou oportuna uma Visita Canônica. De-la foi encarregada o Cônego Matias Gruber. Encontrou de fato vários abusos a serem corrigidos.

A causa principal do descontentamento ele a achou no fato de as jovens Irmãs necessitarem de uma orientação firme. Viu também que a doença da Madre tinha grande parte de culpa neste estado de coisas. Ela já não conseguia mais controlar tudo. As Irmãs, todas bastante novas ainda, não se tinham consolidado o suficiente na vida religiosa. Também não havia ninguém com bastante autoridade para substituir a superiora. Madre Francisca, reconhecendo a precária situação, pediu demissão. O Con. Gruber, porém, não acedeu ao pedido, visto que logo no outono haveria eleição, conforme os Estatutos.